



ME NINOS DE RUA NA MINHA SALA

Folha de S. Paulo
Artigo publicado em 24.01.06

O autor relata uma experiência interessante, romântica, singela e social, da década de 80, quando, ao assumir a Secretaria de Educação do governo Montoro, levou para viver na sua sala de Secretário de Educação, na Escola Caetano de Campos – Praça da República – 5 meninos de rua. E conviveu com eles durante esse período. O autor descreve a trajetória desses meninos ao longo de suas vidas.

Um menino encharcado pela chuva, batendo no vidro do meu carro, me fez recordar uma história que vivi ao assumir a Secretaria da Educação no governo Montoro (1986).

Meu primeiro ato então foi visitar, na praça D. Pedro 2º, a “Escola Aberta”, organizada para abrigar crianças de rua, uma demonstração viva da enorme boa vontade dos professores e das dificuldades que não foram vencidas.

À saída, sete crianças perguntaram se poderiam tomar um café comigo na Secretaria da Educação. Concordei. Cascão, Cassiano, Roberto, Alex, Igor, Rafael e Abel entraram pelas janelas e portas do carro. O trajeto foi ruidoso: descobriram a sirene, acionaram, pulavam do banco de trás para o da frente, o motorista se irritou e, quando entrei na Secretaria da Educação, fui barrado pelo porteiro por estar acompanhado de “pivetes”.

No meu gabinete, ofereci “emprego” para os sete. Eles queriam ganhar por dia, como sobreviviam. Acordamos que seria por semana. Seu outro desejo era ter uma carteira de identidade, e começamos a providenciar. Não tinham onde morar, ofereci minha sala, ampla, com sofás e um bom banheiro. Combinei com os seguranças que os meninos entrariam até 21h e sairiam

para suas funções às 8h, quando eu chegava. Alguns ficavam na Secretaria da Educação ajudando em serviços simples, outros, em pequenas tarefas fora.

A ligação afetiva com as pessoas da Secretaria da Educação começou a acontecer e os meses foram passando. Eram alegres e irrequietos. Eu, para eles, era o único chefe, e todos os dias queriam me ver para referendar as ordens recebidas de outros.

Lembro-me de que, certa vez, os levei para a chácara, em Campinas, onde morava. Em pouco tempo destruíram os brinquedos dos meus filhos, mas se entrosaram bem com eles. O caseiro e sua família foram os que mais reagiram. Em outra ocasião, os levei para o Guarujá. Na semana seguinte, os sete lá apareceram sozinhos. Foram a pé e de carona. Minha caseira, dona Maria, perguntou se podia recebê-los e assim o fez. Um dia, dois deles foram barrados à noite por chegarem na Secretaria da Educação depois das 21h. Escalaram os muros e amanheceram na minha sala.

Eram impressionantes a vitalidade e a criatividade desses meninos, ambas determinadas pela necessidade de sobrevivência e incorporada aos seus afazeres e saberes.

Fiquei apenas um ano na Secretaria da Educação. Repatriamos Rafael para Minas, com sua família, e ele está bem até hoje. Alex era um acrobata, o colocamos em um circo e o encontro com certa frequência. Já não trabalha em circo, estudou e está empregado. Abel trabalha conosco até hoje. Essa é a parte boa da história.

Cascão e Roberto cortaram as ligações com nosso pessoal e ficamos sabendo, bem depois, que foram assassinados. Cassiano, um rapaz forte e bonito, continuou trabalhando conosco no hospital Pérola Byington. Tinha Aids e já tinha passagem pela polícia. Certo dia, sob efeito de drogas, fez um pequeno furto (R\$ 13), foi preso, agrediu policiais e já não era réu primário. Não consegui

libertá-lo. Morreu na cadeia.

Enfim, 50% de mortalidade em crianças que tiveram algum grau de proteção e oportunidade. É triste pensar que é esse, ou ainda pior, o destino desses meninos. Poderia ser diferente, pois a rua e as circunstâncias em que estão inseridos desenvolvem neles qualidades que, se aproveitadas, poderiam determinar bons ou até ótimos resultados (há um termo para isso: resiliência), mas esse processo não ocorre com ações episódicas, amadorísticas, de boa vontade, como essa que meu grupo e eu tentamos realizar.

Requer um acompanhamento contínuo e muito mais dedicado do que aquele que se deve dispensar às crianças que não sofreram as agressões físicas e psíquicas do abandono e da vida na rua e que transcende a burocracia e o profissionalismo dos órgãos públicos, por mais eficientes que sejam. É preciso amor, religiosidade, dedicação, determinação e continuidade.

Visitei um projeto de salesianos, em Bogotá (Bosconia Florida), com essas características e conheci juízes, médicos e empresários bem-sucedidos, tirados da rua por esses religiosos. Não vou descrever o processo – que é parecido com o dos franciscanos daqui, relatado na belíssima reportagem de Daniela Tófoli, na Folha –, mas apenas dizer que um bom caminho seria detectar e financiar instituições, de preferência religiosas, que já tenham espontaneamente demonstrado condições de cuidar do problema, como estão fazendo em São Paulo o prefeito José Serra e os secretários Floriano Pesaro e Andrea Matarazzo – até porque os programas governamentais puros são freqüentemente interrompidos nas mudanças políticas.

Moradores de rua adultos são encontrados em todos os grandes centros urbanos, mas crianças de rua existem apenas onde a dignidade foi perdida, e a tecitura social, esgarçada.

50% de mortalidade em crianças que tiveram alguma proteção
É triste pensar que é esse, ou pior, o destino desses meninos

